

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

FLUXOS NARRATIVOS DAS EXPERIÊNCIAS CRIATIVAS DA CIA TEATRAL: “O GRITO” COM CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE ABRIGO.

Angelita Alves Gonçalves ¹

RESUMO

A partir de experiências do grupo de teatro infanto-juvenil: “O Grito” com oficinas de teatro na casa abrigo Taiguara, no período de três anos, e a leitura do livro: “Diana Luana Luanda”, de autoria da artista plástica Ana Laesevicius, que foi “oficineira” nesse mesmo território, durante quinze anos, é que nasce o espetáculo infanto-juvenil: “Diana Luana”. O objetivo deste trabalho é refletir sobre fragmentos narrativos de algumas crianças, cruzando trechos da peça; tudo isso sobre o envolvimento teórico com autores que discutem a corporalidade: DALIO(1994) e MALUF(2001) e culturas das infâncias: LARROSA(1998), SAYÃO(2000,2008), PERROTTI(1982) e MULLER(2006). Experiências que têm urgência para serem compartilhadas para o entendimento profundo da sociedade, já que as crianças são agentes de mudança, preservação social e, principalmente, criadoras de culturas.

PALAVRAS-CHAVE: infâncias, narrativas, crianças e abrigo.

1 INTRODUÇÃO

“A palavra funcionava dentro e fora das pessoas. Eu não sabia se era o lugar que transmitia o abandono às pessoas ou se elas que transmitiam o abandono no lugar. Eu conhecia a palavra só de nome. Mas não conhecia o lugar que pegava abandono “. (BARROS, 2008, p. 101)

As vivências da companhia teatral: “O Grito”², fruto das narrativas produzidas pelas crianças na Casa Taiguara, local de acolhida de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social resultaram no espetáculo: “Diana Luana”. Obra resultante de narrativas compartilhadas das crianças na casa Taiguara e do livro: “Diana, Luana, Luanda”. O livro: “Diana, Luana, Luanda” foi construído a partir das experiências das

¹ Mestranda – Faculdade de Educação- FEUSP. E-mail: angelitaag@gmail.com

² A base estética da companhia O Grito de teatro infanto-juvenil se apoia na pedagogia teatral, nas manifestações populares e em pesquisas de campo.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

oficinas da artista plástica: Ana Laesevicius na casa Taiguara. Em consequência desses entrelaçamentos que nascem as reflexões a seguir, que estão estruturadas pelos fragmentos do espetáculo, registros das oficinas e diálogos com os integrantes do grupo: Roberto Moretto, Wilson Saraiva, Junia Magi e Samira Pissinato.

Observa-se proximidades entre a corporalidade do ator(a) com a criança. Segundo, Machado (2000, p. 58): “A semelhança entre a brincadeira da criança e a capacidade artística do adulto aproxima esses dois modos de ser e de perceber o mundo”. A autora cita Merleau-Ponty, já que o filósofo não trabalha em termos de mundo infantil e mundo adulto, mas de mesmo mundo percebido de maneira diferente.

No espetáculo “Diana Luana”, são as histórias das crianças do abrigo Casa Taiguara que dão vida a essa narrativa vivenciada cenicamente pela corporalidade de atores adultos.

É impossível reproduzir a corporalidade infantil, mas a partir de técnicas corporais que resgatam as experiências vividas pelos atores(a) nas suas infâncias e a troca criativa com as crianças do abrigo, na atualidade, foi possível produzir significados coletivos e individuais.

2 SONORIDADES

A apresentação do espetáculo: “Luana Diana”, na sede do grupo Teatro Popular União e Olho Vivo (TUOV), foi na rua Newton Prado, nº 766, bairro do Bom Retiro, São Paulo- SP. A plateia, neste caso, era composta por 20 crianças oriundas de uma ocupação de moradia independente (uma creche ocupada) e dos conjuntos habitacionais da comunidade do Gato. São dois lugares próximos da sede do Tuov. Houve um momento em que os atores (a) do grupo perguntaram as crianças se elas já tinham assistido uma peça de teatro anteriormente. A resposta foi unanime: não.

O cenário apresentado para os espectadores(a) é o seguinte: escuro, com dois microfones, uma maca, um tecido branco, e muitos caixotes. Na primeira cena, são

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

quatro atores. Um rap ganha forma pela boca dos atores. As crianças, na plateia, batem palmas e seguem corporalmente, no ritmo do rap, segue um trecho fragmentado da música:

A Pele escura, suja, branca e preta. É assim que acorda quem mora na sarjeta.[...]E outra vez eu ouvi mais [...]Uma Mãe falar[...]Você vai ser igual a ele se não estudar[..]Mas são pessoas com muitas histórias pra contar[..]Difícil mesmo é ter alguém pra escutar[..]E segue em frente[..]Fazendo o ganha-pão[..]E segue em frente. Vendendo bala no sinal. [E ainda tem gente que só vê pela televisão, orando a Deus do céu que tamanha judiação. (RELEASE, 2018)

É necessário ampliar o debate, em diferentes instâncias, sobre as infâncias, sobretudo sobre os problemas sociais vivenciados; como miséria, maus tratos, exclusão da escola, prostituição e pedofilia. Quando é apresentado pela mídia, é na forma de fatos, sem reflexões de profissionais especialistas em infâncias. Menos ainda é possibilitado espaço para as próprias crianças dialogarem sobre a sua realidade. As produções das crianças estruturam e consolidam em sistemas simbólicos. Em suma, as crianças realizam processos de significação específicos e diferentes dos produzidos pelos adultos, com isso travam relações em diferentes dimensões, interagindo com seus pares e com adultos. Assim sendo, as crianças são agentes de construção de suas vidas sociais. (Muller, 2006, p. 557).

Roberto Moretto destaca que as crianças no abrigo cantam e escutam funk e rap, e no momento de criar nas oficinas de teatro, carregam musicalmente esses ritmos. Segundo ele, não ouviu nenhuma música do gênero infantil nos três anos de convivência com as crianças.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

Agencia especial do corpo, deixa de ser mero objeto da ação social e simbólica, receptáculo da inscrição de símbolos culturais e objeto a ser modelados pelas representações sociais e coletivas, e passa a ser agente e sujeito da experiência individual e coletiva, veículo e produtor de significados, instrumento e motor de constituição de novas subjetividades e novas formas de sujeito(Maluf ,2001, p. 96)

As infâncias são múltiplas, variando entre sociedades, culturas, comunidades, e, sobretudo, em diferentes gerações. Criamos expectativas condizentes com adultocentrismos, diretamente ligadas às “verdades” definidas institucionalmente.

Interpretações que os adultos estabelecem a partir deles em locais: como centros de pesquisas, universidades, nas organizações de cunho religioso etc. Estas ideias de infância são amplamente divulgadas pela mídia o que reforça concepções fechadas que partem unicamente da ótica dos adultos e que culturalmente se incorporam às práticas cotidianas da vida social. (Sayão, 2000, p. 3)

A cada semana que o grupo: “O Grito” voltava ao abrigo, a configuração do grupo de crianças mudava. Já João (nome fictício) ficara um tempo maior, ele sempre foi apaixonado por rap. Nas letras o amor pela mãe sempre presente, além do arrependimento, segundo ele, de ter cometido alguns “erros”. Dizia que sabia que era errado, mas afirmava que não conseguia se controlar.

Predomina-se nas sociedades ocidentais o discurso que as crianças não refletem sobre suas ações,

Essa visão adultocentrica do que é ser uma criança é redutora. Nela a criança é apensar um vir-a-ser um futuro adulto. Este por sua vez, não é jamais alguém em transformação constante. Tudo se passa como se ao atingir a um estágio determinado o ser humano estivesse condenado a cristalização. (PERROTTI, 1982, p. 12).

3 LUGARES

MOÇO - Olha, Tio, a Casa Taiguara é um abrigo. Um abrigo para crianças e jovens, muito bem escondido no Bairro do Bixiga, em São Paulo, capital.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

MOÇO - O Brasil joga bem quando o assunto é criança em perigo.

TIO - É craque.

MOÇO - É craque na cabeça.

TIO- Parece que vai começar. Tudo pronto. O juiz vai apitar. Apitou.

TORCIDA – Está no abrigo\ Está escondido (RELEASE, 2018)

Uma minoria das crianças vinha de situação de rua. Na sua maioria, tiradas das famílias pelo serviço de assistência social, devido a denúncias de abandono, maus tratos e violência. Nos abrigos umas das normas é não perguntar sobre as famílias para as crianças, porém as narrativas de vida surgiam e, principalmente, pelo fato de nada ser explicado para elas. Resumidamente, elas eram tiradas de seus locais de convívio para serem lançadas nos diferentes abrigos da cidade. Segue algumas das situações apresentadas pelas crianças nas oficinas ministradas pelo grupo:

Em uma das idas ao espaço, observam que Juliana (nome fictício) estava sempre escrevendo em um caderno que a acompanhava, diariamente, ou lendo histórias dos livros de literatura, e pouco falava com os outros. Após alguns encontros ela disse que foi tirada da escola pelos agentes da assistência social, que não lhe explicaram o motivo. Ela disse que adorava a sua escola e que sentia saudades de sua melhor amiga. De repente ela abriu seu caderno e narrou suas lembranças da escola.

Outra situação marcante foi a vinda de quatro irmãos, que chegaram juntos, inclusive a irmã mais velha estava sempre cuidando dos mais novos. Eles souberam que, no caso dessa família, não estavam ali por conta de maus tratos, e sim, devido uma denúncia anônima motivada pelo fato das crianças ficarem sozinhas em casa sobre o cuidado da irmã mais velha (de treze anos), enquanto os pais trabalhavam.

O ideal seria que na criação das leis, aplicações e discussões, estarem envolvidas equipes multidisciplinares, incluindo profissionais (pensadores das infâncias), e porque não as crianças. Porém, infelizmente, estamos no caminho inverso, como destacado pela seguinte portaria, expelida em 19 de julho de 2000, da secretaria de assistência social do governo federal:

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

Coloca em risco alguns direitos duramente conquistados pelas crianças brasileiras. Esta portaria prioriza programas de baixo custo o que traz como consequência a baixa qualidade do atendimento as crianças. (PERROTTI,1982,p.6).

Algumas crianças apontavam a existência de diferenças entre os abrigos. Mas para elas, todos têm muitas regras, a principal é a seguinte: se fugirem, não poderão retornar. As fugas são recorrentes.

A criança depositário de um mundo criado pelo adulto, sem ter jamais reconhecidos os seus direitos de intervir ativamente no processo sociocultural que lhe diz respeito. A cultura passa a exercer uma função coerciva e domesticadora, dificultando a participação da criança na História enquanto sujeito (PERROTTI, 1982, p. 20)

O grupo de teatro contou sobre Beatriz (nome fictício), de quatorze anos, e que vivia em situação de rua. A sua única referência afetiva era o namorado, mais velho e que não poderia viver com ela no abrigo. Por isso, ela sempre fugia para ficar junto dele.

Os adolescentes e crianças solicitavam o serviço de assistência social pelo telefone 156 para serem acolhidas nos abrigos, para assim tomarem banho, comerem uma refeição completa e descansarem com mais tranquilidade.

Segundo, Clara (nome fictício): “as regras são difíceis de engolir”. Percebemos nas situações destacadas a resistências das crianças, como sublinha Sayão (2008): a incorporação, somatização e o controle imputados ao corpo.

4 CIA O GRITO E AS CRIANÇAS

O integrante do grupo Roberto Moretto relata os desafios em ministrar as oficinas, pois a cada nova semana a configuração do abrigo se alterava: com crianças que saem e outras que chegam. Inclusive, pouco se falava sobre os motivos e destinos das crianças que saíam. Com isso o primeiro desafio era proporcionar experiências sem

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

continuidade posterior. O segundo desafio: na negação, pela maioria das crianças, em aceitar as atividades propostas, que na sua maioria, envolvidas por brincadeiras tradicionais. Os integrantes do coletivo “O Grito” realizaram junto com o brincante e pesquisador de culturas populares Tião Carvalho³, do grupo de danças brasileiras Cupuaçu, vivências corporais que utilizaram nas oficinas com as crianças da casa Taiguara. Segundo o grupo, as crianças demoravam em prestar atenção nas conversas iniciais e estavam sempre “aceleradas”. Teve uma vez que Pedro(nome fictício), acabava de chegar à casa e pegou vários CDs para jogar nas paredes. Isso durou horas.

A principal questão compartilhada pelo grupo era de como lidar com a essa corporalidade. Os possíveis planos de atividades eram poucos utilizados. Eles pontuaram sobre a resistência das crianças que oscilava a cada semana. O mais impressionante, segundo eles, era que ao mesmo tempo em que o início das atividades eram desprezadas pelo grupo, e por algumas vezes, recebida por atos físicos de violência, porém no momento que o grupo se despedia, as crianças os abraçavam, beijavam e pediam para eles não irem. Apresenta-se, dessa forma, os múltiplos enigmas da infância, como nos aponta Larrosa:

A infância de um outro aquilo que sempre: aquilo que sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento.(LARROSA, 2003 ,p. 184)

De uma maneira geral, a sociedade ocidental contemporânea é inflamada pelas verdades positivistas, determinantes e práticas “ideias” para as crianças, com isso, não se permite que as potentes experiências possíveis nas infâncias dos sujeitos apareçam.

Os grupos infantis criam uma cultura própria, viva, transmitida boca a boca e que, embora muitas vezes busque seus elementos na outra mais genérica,

³ Tião Carvalho: cantor, compositor, dançarino, ator e pesquisador das manifestações culturais da região do estado brasileiro do Maranhão.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

organizada pelos adultos, ainda assim, é reelaborada segundo suas necessidades do grupo infantil e diversos daquilo que o serviu de inspiração. (PERROTTI, 1982, p. 22)

5 SONHOS

No momento em que no espetáculo “Diana Luana” à realidade da protagonista, em situação de rua, ganha força: passando fome, frio e medo. O figurino sem cor da menina ganha as cores de um vestido de princesa.

Na casa Taiguara, Ana (nome fictício) chegou à força pelos agentes de assistência social. A menina de sete anos, vestida de princesa, não queria usar outra roupa que não fosse àquele vestido. As outras crianças zombavam, mas ela não ligava. Assumiu a sua identidade dessa forma. Depois de algumas semanas, fugiu e não pode mais voltar para o mesmo abrigo.

Conhecer as culturas infantis é compreender o polimorfismo infantil e afastar-se da noção de “representação do mundo”. E dessa forma visitar a lógica dos sonhos. Em suma, conhecer melhor a linguagem onírica para compreender a percepção tempo-espacial das crianças pequenas. (MACHADO, 2010, p. 64).

6 FUTEBOL

TIO – Olha ali uma criança correndo sozinha pelo campo.

MOÇO – Que energia. Parece até que está fugindo de um monstro.

TIO – Ela avança pelo meio, desvia da polícia, atravessa no meio dos carros.

MOÇO – Será que tem alguém com ela?

TIO – Sozinha. Faz tudo sozinha.

MOÇO – O que será que ela quer?

TIO – Criança sempre quer alguma coisa.

DIANA – Eu quero um pedido.

DIANA – Olha, Moço, eu acho que no fundo o desejo de toda criança é o mesmo. Até na Lua.

DIANA – Eu estou com fome. Tem maçã? (RELEASE, 2018).

Por conta dessa cena, perguntei aos integrantes do grupo “O Grito”, se as crianças apresentavam histórias sobre situações como essa. Eles disseram que não,

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

mas as relações com fatos da sobrevivência eram apresentadas de outras formas. As refeições para eles são sagradas, assim nenhuma atividade poderia ser proposta nesse horário.

É emocionante ouvir os relatos sobre a preocupação em dividir e oferecer os alimentos disponíveis no abrigo entre eles, educadores da casa e visitas. Era comum se sentirem ofendidos com recusas. Moretto, narra sobre uma visita ao Sesc Bom Retiro, que eles levaram lanches cedidos pela casa, e insistiram para que os integrantes da companhia aceitassem a divisão dos lanches deles, além de oferecerem aos educadores do Sesc.

7 Escola

Os alunos entram e somem. Diana permanece.
Está vestida com pedaços do que um dia foi uma fantasia de princesa.
D – Presente, professora.
S - Eu não sou a professora.
D - A senhora é a dona da escola?
S - A secretária.
D - Eu quero estudar, dona secretária. Vou ser astronauta.
S - Só tem vaga ano que vem.
Diana permanece impassível, olhando fixamente para a Secretária.
(RELEASE, 2018)

O maior ponto convergente entre o livro “Diana Luana Luanda” e as experiências, recente com as crianças, é a valorização da escola pelas crianças. Apesar de colocar a escola como: “chata”, dizem que só estudando que podem ter um futuro diferente.

Reproduzem os discursos dos adultos que culpam as crianças pelo baixo rendimento na escola e pelos castigos no abrigo. A meritocracia é o discurso desses espaços, segundo Moretto. Ele também aponta que a lamentação não faz parte do cotidiano das crianças: “Nós adultos que chocamos e apresentamos o sentimento de compadecimento, conta o ator. Eles acreditam na vida, nas mudanças e vão seguindo

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

cotidianamente. Correndo, inventando, criando, cantando, comendo, e, principalmente, se descobrindo.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda é tímida as práticas pedagógicas que concebem a cidadania infantil e as crianças como produtoras de cultura. E nos espaços mais marginalizados é ainda maior a negação da autonomia infantil.

São juízes, órgãos internacionais, médicos, psicológicos, em suma, adultos exercendo a sua forma de colonização: calando vozes, a partir de discursos inflamados, caracterizando o tão presente adultocentrismo. Para além dos conceitos, precisamos entender as culturas infantis pelas crianças e com elas, poia só assim aprofundaremos o entendimento da sociedade rumo a possibilidades emancipatórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**: A infância. São Paulo: Planeta, 2003.

DAOLIO, Jocimar. A construção cultural do corpo humano. In: *Da cultura do corpo*. Campinas/SP: Papyrus, 1994.

LARROSA, Jorge. O enigma da infância: ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: _____. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.229-246.

MACHADO, M. M. **Merleau-Ponty & a Educação**. 1ª. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010. v. 1. 117p.

MALUF, Sônia Weidner. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. *Revista Esboços*. Dossiê Corpo e Cultura. v.9, n.9, 2001.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA:
CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

MULLER, Fernanda. Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência. **Educ. Soc.** Campinas, v. 27, n. 95, p. 553-573, Aug. 2006.

PERROTI, Edmir. A criança e a produção cultural. In: ZILBERMAM, Regina (org.) *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1990. p.9-27.

SAYÃO, Deborah. Cabeças e corpos, adultos e crianças: cadê o movimento e quem separou tudo isso? *Revista Eletrônica de Educação*, São Carlos/SP: UFSCar, v. 2, n. 2, p. 92-105, nov. 2008.

VIEIRA, CESAR. Em busca de um teatro Popular. São Paulo: Programa Municipal de Fomento ao teatro, 2019.